

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL

Shayane Rosy do Carmo Farias ¹

Rodrigo da Silva Almeida ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a promoção da saúde mental na educação infantojuvenil. Trata-se de uma pesquisa teórica em Psicanálise, por meio de um ensaio acadêmico. Ancorados no referencial psicanalítico, tomamos como ponto de partida a discussão de Freud sobre o mal-estar na civilização, que também acontece nas instituições educacionais, podendo trazer prejuízos para a saúde mental dos sujeitos que dela fazem parte. Também assumimos a convocação de Lacan de que os psicanalistas devem assumir o compromisso de colocar em seu horizonte a subjetividade do seu tempo e apresentamos reflexões sobre a promoção de saúde mental na escola, diferente do atual modelo biomédico, a partir de uma concepção de sintoma lacaniano que, na contramão de qualquer psicologismo, psiquiatrização e medicalização estigmatizantes, destaca o seu caráter político, a partir do reconhecimento de que todo sintoma é também de ordem social. Logo, pois uma vez que a entrada da Psicanálise na escola visa, antes de tudo, o lugar de reconhecimento das singularidades dos sujeitos, propomos aqui uma concepção de educação como um ato de cultura, em que o educar implica na transmissão de marcas simbólicas, assumindo o compromisso de inserir os sujeitos aprendentes no campo da fala e da linguagem.

Palavras-chave: Saúde Mental, Educação Infantojuvenil, Psicanálise e Educação.

¹ Especialista em Psicologia Clínica e Saúde Mental pelo Centro Universitário CESMAC, shayane-rosy@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, rodrigoalmeidapsi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo reflexões sobre a promoção da saúde mental na educação infantojuvenil. Trata-se de uma pesquisa teórica em Psicanálise, por meio de um ensaio acadêmico, onde problematizaremos como a Teoria Psicanalítica pode contribuir para a promoção da saúde mental na escola. Ancorados no referencial teórico psicanalítico, partimos da proposição de Voltolini e Gurski (2020) de que o praticante de Psicanálise não visa apenas ir à escola para escutá-la, nem se apresenta como uma clínica psicanalítica *na* ou *em* educação. Ao contrário disso, seu intuito é pensar os efeitos advindos do encontro entre ambas, pois a entrada da Psicanálise na escola visa, antes de tudo, o lugar de reconhecimento das singularidades dos sujeitos.

Além disso, a presença de sofrimento psíquico nas escolas justifica a presente pesquisa, especialmente entre o público infantojuvenil pois, de acordo com a literatura, são inúmeras as problemáticas em torno desta questão, sendo as mais comuns: agressividade e agitação excessivas, desatenção, isolamento e dificuldades no cumprimento de tarefas escolares. Conseqüentemente, torna-se necessário refletir sobre a saúde mental infantojuvenil nas escolas e seu processo de atenção (CID *et al.*, 2019).

METODOLOGIA

“[...] Freud avançava numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivante, do método científico comum. Trata-se da realização da verdade do sujeito, como de uma dimensão própria que deve ser destacada na sua originalidade em relação à noção mesma da realidade [...]”

Lacan, 1953-1954/2009, p. 33.

O presente artigo consiste numa pesquisa teórica em Psicanálise, por meio de um ensaio acadêmico. Nesse sentido, este texto “[...] deve ser visto menos como uma proposta que esgote o assunto e mais como uma problematização que quer enriquecer o debate [...]” (BASTOS, 2009, p. 15). Isso significa que não nos propomos a trazer respostas universais e nem soluções definitivas para a questão aqui problematizada, pois o método psicanalítico de pesquisa e a própria Psicanálise caracterizam-se pela singularidade e foco no sujeito do inconsciente, uma vez que a epistemologia freudiana sempre esteve baseada no domínio da verdade do sujeito, e

essa busca pela verdade só se tornou possível porque as relações que Freud estabeleceu com seus doentes se caracterizaram por seu caráter singular (JAPIASSÚ, 1998; TURATO, 2013; ESTEVÃO, 2018; FERREIRA, 2018).

Nesse sentido, Lacan (1953-1954/2009) destaca que: “[...] Certamente, a análise como ciência é sempre uma ciência do singular. A realização de uma análise é sempre um caso singular, mesmo que esses casos singulares se prestem não obstante a alguma generalidade [...]” (p. 33). Além disso, para as reflexões que nos propomos aqui, realizamos uma pesquisa bibliográfica em algumas publicações indexadas nas bases de dados Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES/MEC, utilizando os descritores “Psicanálise AND Educação” e “Saúde mental AND Educação infantojuvenil” (FLICK, 2009; CRESWELL, 2010; KAMLER,; THOMSON, 2015; RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015) e também tomamos como base autores da Psicanálise, especialmente Freud (1930/2010), Lacan (1998) e autores contemporâneos que fazem esse diálogo entre Psicanálise e Educação, como: Kupfer (1992), Voltolini (2011), Voltolini (2014) e Voltolini e Gurski (2020).

A PRÁTICA PSICANALÍTICA EM INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Refletir sobre a prática psicanalítica nas instituições educacionais implica em relevar a discussão de Sigmund Freud (1930\2010) sobre o mal-estar na civilização, que nada mais é do que o processo de ingresso do sujeito no laço social. Nesse sentido, para que o sujeito faça parte da cultura e possa conviver em sociedade, ele precisará abdicar da satisfação de suas pulsões. Todavia, tal renúncia não é nada fácil para ele, tendo em vista que, desde o seu nascimento, busca constantemente satisfazer as suas demandas, por isso:

[...] Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se esse equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel (FREUD, 1930\2010, p. 58).

Para Freud (1930/2010) esse mal-estar é inerente à condição humana, estando o sujeito o tempo todo atravessado pelo impasse entre satisfazer os seus impulsos e abdicar dessa satisfação em prol da vida em comunidade. Scherer e Carneiro (2020) destacam que o mal-estar na civilização também acontece nas instituições educacionais, que acaba trazendo prejuízos

para a saúde mental dos sujeitos que dela fazem parte e produzindo angústia, sentimento de impotência, as mais variadas formas de violência, etc., gerando imobilidade e adoecimento, decorrentes de insatisfações e queixas em relação às limitações encontradas no processo.

Nesse sentido, Lacan (1998) convoca os psicanalistas a assumirem o compromisso de colocar em seu horizonte a subjetividade do seu tempo, afirmando “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época [...]” (p. 322). Então, os impasses do mal-estar na escola na atualidade e os desafios para a promoção da saúde mental trazem desafios para a prática psicanalítica, naquilo que Harari (2018) propõe de “[...] levar a Psicanálise para fora dos muros das instituições psicanalíticas, levando os praticantes a inserir seu trabalho nas instituições” (HARARI, 2018, p. 19), sendo um exemplo dessas instituições as educacionais.

Assim, a prática da Psicanálise na escola visa auxiliar o sujeito a se colocar em outro lugar que não o da repetição e também que ele tenha a oportunidade de encontrar um novo significante que represente melhor a sua história. Nesse sentido, as intervenções visando a promoção da saúde mental buscam fazer corte com o gozo do sujeito, auxiliando-o a encontrar outros sentidos para si. No que se refere às relações com os profissionais da instituição, reconhece a importância de cada um deles para o processo do sujeito e poderá ter efeitos terapêuticos (LOPES, 2017). A seguir, apresentaremos nossas reflexões sobre o tema da promoção da saúde mental na educação infantojuvenil a partir do referencial teórico psicanalítico.

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL

De acordo com Estanislau e Bressan (2014) ao contrário do que é disseminado pelo discurso biomédico e psicologizante universal de que a infância é um período de felicidade plena, dados epidemiológicos da população brasileira vêm alertando que de 10 a 20% das crianças e adolescentes apresentam algum tipo de sofrimento e adoecimento psíquico. De acordo com estes pesquisadores, dentre os ambientes considerados como mais causadores de sofrimento psíquico no público infantojuvenil estão as escolas, trazendo como principais consequências o comprometimento no rendimento acadêmico, evasão escolar e desordem. Além disso, pesquisas têm acusado um aumento da demanda de alunos com algum tipo de demanda de ordem emocional, prejudicando seu processo de aprendizagem, preocupando os

educadores, que na maioria das vezes se veem sem saber como poderiam atuar para a promoção da saúde mental de seus alunos.

Na opinião de Amstalden, Hoffmann e Monteiro (2010) a saúde mental do público infantojuvenil ainda é algo muito enigmático, tendo em vista ser um constructo que é multidimensional, pois envolve aspectos emocionais, biológicos, sociais, culturais, econômicos, etc., sendo imprescindível para que o sujeito possa desenvolver as habilidades acadêmicas que lhe são transmitidas pela escola. Isso significa que os educadores não podem esquecer que a escola também tem o papel de promover a saúde mental de todos os atores que dela fazem parte, incluindo dos alunos. Consequentemente, a promoção da saúde mental no contexto escolar é indispensável e requer dos educadores uma abordagem que vá além dos aspectos básicos que são fornecidos nas escolas, devendo contemplar os aspectos emocionais e inconscientes dos sujeitos aprendentes.

Já Reis (2007) ressalta que não é somente a escola quem tem o papel de promover a saúde mental dos discentes, sustentando ser imprescindível que haja uma parceria entre família, escola e os próprios alunos, devendo cada parte assumir a sua parcela de responsabilidade na implementação de ações que favoreçam o desenvolvimento dos alunos e contribuir para a aquisição das habilidades e competências que lhes são transmitidas pelos professores. O autor sustenta que a escola não pode educar sozinha, pois a família também tem essa incumbência e que o aluno também deve ser implicado nesse processo.

Estanislau e Bressan (2014) destacam que os educadores possuem uma condição privilegiada de observação do comportamento das crianças sob seus cuidados, pois as vivenciam em uma grande variedade de situações, como atividades individuais dirigidas, atividades de trabalho grupal, atividades de lazer, durante a interação com outros adultos e com crianças de diversas idades, dentre outros. O fato de terem experiência com um grande número de alunos lhes possibilita perceber a presença de sofrimento e/ou adoecimento psíquico no público infantojuvenil, inclusive podendo identificar sintomas precocemente, mesmo antes da família vir a percebê-los.

Do ponto de vista das políticas públicas, vale destacar a implementação do Programa Saúde na Escola - PSE, implementado em 2011 e que tem como diretrizes tratar a saúde e educação integrais como constituintes de uma formação ampla, direcionada para a cidadania e usufruto dos direitos humanos. Visa também a progressiva ampliação intersetorial das ações executadas a partir da união entre educação e sistemas de saúde para a promoção da saúde integral do público infantojuvenil. Objetiva a articulação de saberes a partir da participação dos

diferentes atores que compõem a escola, desde os alunos, pais e educadores, até a comunidade em geral, na proposição de políticas públicas de educação e saúde (BRASIL, 2011).

Outras diretrizes são a promoção de uma cultura da paz, visando favorecer a prevenção de agravos à saúde e fortalecer a relação entre as redes públicas de saúde e educação; articular as ações do Sistema Único de Saúde (SUS) às ações da educação pública, de forma a abranger o alcance das ações direcionada aos educandos e suas famílias, otimizando o uso de equipamentos, recursos e espaços disponíveis. Outro foco é o fortalecimento do enfrentamento das vulnerabilidades do campo da saúde que interferem no desenvolvimento escolar. Há ainda os objetivos de promover a comunicação, encaminhamento e resolutividade entre escolas e unidades de saúde, buscando assegurar a saúde dos educandos e de “[...] VIII– Atuar, efetivamente, na reorientação dos serviços de saúde para além de suas responsabilidades técnicas no atendimento clínico, para oferecer uma atenção básica e integral aos educandos e à comunidade” (BRASIL, 2011).

Amaral *et al.* (2020) reforçam a importância de serem implementadas ações de prevenção e promoção de saúde mental na escola, destacando que tais ações devem fazer parte do plano de atividades anuais dos espaços educacionais, devendo estar ancoradas em políticas de saúde mental no âmbito escolar. Conseqüentemente, os autores argumentam que, a promoção de saúde mental na escola requer a capacitação da comunidade escolar, auxiliando os educadores a criarem uma rede de apoio, de forma a prevenir o sofrimento e adoecimento psíquico dos sujeitos que dela fazem parte, dentre os quais os alunos, aprimorando a identificação precoce e os encaminhamentos que se fizerem necessários em cada caso.

No que se refere às contribuições que a Psicanálise pode trazer para a promoção da saúde mental na educação infantojuvenil, destacamos inicialmente a importância de os educadores terem um olhar crítico em relação à medicalização da infância e da educação, tal como destaca Kupfer (2011). A autora aponta que essa medicalização tem relação com a indústria farmacêutica, que compreende os sintomas atuais como causados exclusivamente por disfunções neurológicas ou bioquímicas, fazendo pouca ou nenhuma relação com aspectos psíquicos, sociais, culturais, políticos e nem econômicos.

Kupfer (2011) alerta que as ações de saúde mental na sociedade em geral, inclusive nas escolas, têm sido fundamentadas no modelo biomédico e abstrato, reflexo de um modo de produção capitalista e neoliberal, sustentando o que ela denomina de “ação medicalizante”, um discurso que não é neutro, como aparentemente se propõe, pois promove a destituição dos educadores e a conseqüente apropriação médica da educação. Esperanza (2011) corroborando com a autora anterior, complementa que além dessa medicalização da infância e da educação,

tem havido também uma psiquiatrização dos atos e das ações dos sujeitos, representando uma: “[...] tentativa farmacêutica de psicofarmacologizar a própria vida, o que equivale a postular que cada ato da vida de um sujeito é possível de ser medicalizado, sendo este um programa ao qual a psiquiatria oferece todo o seu empenho” (ESPERANZA, 2011, p. 56).

Infante (2011) agrega que essa medicalização e psiquiatrização que tem acontecido na educação também goza na contemporaneidade de um relativo sucesso devido ao processo de globalização, reverberando em uma universalização de diagnósticos e tratamentos em saúde mental, o que acaba ocasionando a exclusão da subjetividade, destacando que: “Um adulto que procure um atendimento psiquiátrico na atualidade tem grandes chances de sair como personalidade bipolar; uma criança, se calhar, será hiperativa. [...] O que estaria acontecendo?” (INFANTE, 2011, p. 63).

Infante (2011) acrescenta também que a Psicanálise faz uma crítica ao discurso predominante sobre saúde mental que toma como referencial os aspectos estritamente neurobiológicos e psicologizantes, que se utilizam de uma psicopatologia puramente descritiva e sintomatológica, fortalecidos pelos interesses da indústria farmacêutica, que tem fomentado cada vez mais o lançamento de drogas paliativas, em resposta a um mercado neoliberal e consumista.

Isso tem reverberado na produção de modos de subjetividades que funcionam nos moldes de um imperativo de gozo ligados ao consumo, onde “[...] A interrogação do sujeito a partir de seu sintoma é cada vez mais substituída pela invenção constante de paliativos que desviam a implicação do sujeito do seu mal-estar para a solução imediatista mais de acordo com seu imperativo de gozo” (INFANTE, 2011, p. 67).

De acordo com Pereira (2020) o praticante de Psicanálise na escola, ao atuar a partir da proposição lacaniana de sintoma, assume uma dimensão sócio-política do sofrimento psíquico, que vai na contramão do psicologismo e da psiquiatrização estigmatizantes, evocando seu caráter político e reconhecendo: “[...] que todo sintoma é propriamente social - mesmo sendo em si uma resistência a esse social; está inscrito num tempo e numa história e se apresenta sempre à espera de alguém que o induza a ser falado. O sintoma quer falar” (p. 50).

Nas palavras de Lacan (1974\2005) “[...] a Psicanálise é um sintoma. [...] Ela faz nitidamente parte deste mal-estar da civilização de que Freud falou. O mais provável é que as pessoas não se limitem a perceber que o sintoma é o que há de mais real” (p. 66). Mais adiante, neste mesmo texto, Lacan acrescenta que o sintoma é aquilo “[...] que não funciona” (p. 71). Dessa forma, Pereira (2020) afirma que assumir a concepção de sintoma sob um viés lacaniano significa abdicar da visão do sintoma como algo médico, que tende a ser reduzido pelo discurso

biomédico como algo estritamente biológico e substituí-lo pela concepção de sintoma psíquico ou subjetivo, tal como tem acontecido quando se pensa na promoção de saúde mental na escola.

Além disso, Kupfer (2011) afirma que a Psicanálise, ao defender que os alunos não necessitam ser educados apenas para se adaptar às demandas sociais, parte do pressuposto de que a educação é uma prática que transcende o ato de adaptar, sendo antes de tudo uma prática que constitui o próprio sujeito aprendente, devendo contemplá-lo em sua singularidade e sem sua peculiar e desejanje interpretação da realidade.

Então, longe de negar os aspectos neurobiológicos, a Psicanálise vai alertar que a promoção de saúde mental na escola venha também a contemplar os estudos psicanalíticos sobre a cultura, realizados tanto por Freud quanto por Lacan. Isso quer dizer que a Psicanálise vai dar visibilidade ao sujeito do inconsciente como efeito do discurso social e que “[...] a educação é entendida como um ato de cultura e concebida como uma das formas que o discurso social assume” (KUPFER, 2011, p. 145).

Kupfer (2011) coloca que conceber a educação como uma forma de discurso é ampliar a forma como tradicionalmente a educação é visualizada. A partir disso, a autora difunde o argumento que “[...] educar torna-se a prática social discursiva, responsável pela imersão da criança na linguagem, tornando-a capaz, por sua vez, de produzir discurso, ou seja, de dirigir-se ao outro fazendo com isso laço social” (p. 146). Então, promover saúde mental na escola, a partir do referencial psicanalítico, requer abdicar da preocupação de adaptar a criança ao mundo social e do percurso educativo cujo foco tem sido na dimensão prática e adestramento desses sujeitos.

Portanto, a Psicanálise auxilia os educadores a refletir sobre a promoção da saúde mental na escola a partir de uma perspectiva crítica e subversiva das problematizações sociais e históricas do nosso laço social. Além disso, ao favorecer a emergência da subjetividade e do sujeito do inconsciente que supera a dicotomia entre o individual e o coletivo, assumindo uma dimensão sócio-política do sofrimento psíquico. Assim, a Psicanálise se propõe a pensar uma educação cujos efeitos reverberem na emancipação dos sujeitos, a fim de que estes não precisem se curvar diante das demandas de patologização, medicalização e psicologização dos processos educacionais (VOLTOLINI; GURSKI, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmamos aqui a importância de se fomentar uma abordagem alternativa sobre saúde mental na escola, diferente do atual modelo biomédico, a partir de uma concepção de sintoma

lacaniana que, na contramão de qualquer psicologismo e psiquiatrização estigmatizantes, destaca o seu caráter político, a partir do reconhecimento de que todo sintoma é também de ordem social. Propomos também uma concepção de educação como um ato de cultura, em que o educar implica na transmissão de marcas simbólicas, assumindo o compromisso de inserir os sujeitos aprendentes no campo da fala e da linguagem, tendo em vista que: “[...] não se é educado sem que não haja resistências, que muitas vezes se dão sob a forma de sintomas” (PEREIRA, 2020, p. 50).

Logo, essas são algumas condições que consideramos indispensáveis para que se possa fomentar a saúde mental na educação infantojuvenil a partir do referencial psicanalítico, subvertendo a lógica político-social vigente e apostando no sujeito da linguagem, ressaltando a sua singularidade, na diferença de cada invenção, sabendo que a verdade nunca será totalmente dita e convocando os sujeitos a se implicarem em sua história e no curso da história dos seus semelhantes (LOPES, 2017).

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. O. P. *et al.* Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 33, p.1-8. 2020. Disponível em: <https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-33-eAPE20190224/1982-0194-ape-33-eAPE20190224.pdf>. Acesso em 13 set. 2021.

AMSTALDEN, A. L. F.; HOFFMANN, M. C. C. L.; MONTEIRO, T. P. M. M. A política de saúde mental infanto-juvenil: seus percursos e desafios. *In*: LAURIDSEN-RIBEIRO, E.; TANAKA, O. Y. (Orgs.). **Atenção em Saúde Mental para crianças e adolescentes no SUS**. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 217.279.

BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas: Ciência? Arte? Contraciência?**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BRASIL. **Passo a passo PSE - Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersetorialidade**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passos_a_passo_programa_saude_escola.pdf>. Acesso em: 18 set 2021.

CID, M. F. B. *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Pro-Posições**. Campinas/SP, v. 30 n. 3, p. 1-24, Dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>>. Acesso em 16 set. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ESPERANZA, G. Medicalizar a vida. *In*: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, M. (Orgs.). **O Livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011, p. 53-59.

ESTANISLAU, G.; BRESSAN, R. A. **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ESTEVIÃO, I. R. Sobre três eixos da pesquisa em psicanálise: clínica, teoria e extensão. In: FULGÊNCIO, L. *et al.* (Orgs). **Modalidades de pesquisa em psicanálise**: métodos e objetivos. São Paulo: Zagodoni, 2018, p. 69-79.

FERREIRA, T. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra - a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 129-152.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas, v. 18.

HARARI, A. **Fundamentos da prática lacaniana**: risco e corpo. Belo Horizonte\MG: Relicário, 2018.

INFANTE, D. P. Psiquiatria para que e para quem. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, M. (Orgs.). **O Livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011, p. 63-72.

JAPIASSÚ, H. **Psicanálise**: ciência ou Contraciência?. 2ª ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.

KAMLER, B.; THOMSON, P. Trabalhando com literaturas. In: SOMEKH, B; LEWIN, C. (Orgs.). **Teoria e método de pesquisa social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015, p. 45-55.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.

KUPFER, M. C. Educação terapêutica para crianças com transtornos globais do desenvolvimento: uma alternativa à medicalização da educação. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, M. (Orgs.). **O Livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011, p. 141-150.

LACAN, J. **O Triunfo da religião, precedido de discurso aos católicos**. 1974. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Série Paradoxos de Lacan.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 322.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: Os Escritos técnicos de Freud (1953-1954). 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOPES, L. S. **A escola como cenário de narrativas da adolescência**: escuta analítica de adolescentes que praticam automutilação. 2017, 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_df0573fae4bde0b48e3cde12a17>. Acesso em 02 Jan. 2021.

PEREIRA, M. R. A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. *In*: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 45-62. Col. Educação & Psicanálise, vol. 2.

REIS, R. P. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem**. São Paulo, n. 373, p. 6, 2007.

RIBEIRO, M. A. T.; MARTINS, M. H. M.; LIMA, J. M. A pesquisa em bases de dados: como fazer? *In*: LANG, C. E. *et al.* **Metodologias**: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: EDUFAL, 2015, p. 61-84.

SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. *In*: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 133-148. Col. Educação & Psicanálise, vol. 2.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

VOLTOLINI, R. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VOLTOLINI, R. **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2014.

VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. Apresentação. *In*: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 9-12. Col. Educação & Psicanálise, vol. 2.